

Reflexo das Mudanças da Economia na Distribuição de Papel

Antes de tratarmos do referido tema, torna-se muito importante fazermos breve retrospectiva dos fatos ocorridos de 1990 aos dias de hoje.

Até 1990, vivíamos numa economia fechada e os efeitos das importações não eram relevantes. Com o advento do Plano Real, impondo reduções de tarifas de importação e eliminando barreiras existentes até então, foram as empresas nacionais forçadas, repentinamente, a competir com produtos similares importados, de melhor qualidade e de preços bem baixos.

Para ilustrar, e isolando especificamente o segmento de Celulose, Papel e Gráfico, verifica-se claramente que o coeficiente de penetração das importações cresceu constantemente, a cada ano desta década:

ANOS	ÍNDICES
1989/90	5,90
1995/96	7,30
1998	6,76

Fonte: Funcex/IPEA

Exemplificando, em 1998 a importação anual de couchê ("couché") ficou em torno de 100 mil toneladas ou mais ou menos 8.300 t/mês. Esse produto e outros mais alavancaram o resultado de muitos distribuidores nacionais.

Com a desvalorização do real em face do dólar, no início de 99, a situação mudou como da 'água para o vinho'. Os produtos importados deixaram de ser

interessantes e o preço do papel foi reajustado, pois trata-se de produto sob forte influência do mercado internacional, além de possuir insumos importados.

Esses fatos, aliados a outros de ordem interna, sinalizam um primeiro semestre recessivo, com produção industrial em queda, demanda desaquecida, altas taxas de juros e desemprego crescente. A tudo isso, acrescente-se o alto risco com os índices de inadimplência.

Todos esses movimentos afetaram, de forma negativa, o segmento de Distribuição de Papel. Assim sendo, nesta fase torna-se muito importante prestar atenção aos seguintes pontos:

1. Estoque – dimensionar o nível de investimento em função de cada mercado.
2. Linha de Produtos - evitar produtos com giro lento, que agrava a situação do capital de giro.
3. "Mark-up" – buscar o nível ideal, evitando erros de avaliação, tendo como base 'custos de reposição'.
4. Custo Fixo – evitar desperdícios e não operar com estrutura 'inchada'.
5. Crédito/Cobrança – redobrar os cuidados para a concessão de novos créditos.

Esses efeitos atingem de forma diferente cada empresa, porém, neste momento, devemos nos esforçar para tentar equilibrar todas essas variáveis, até a 'tempestade passar'. Com certeza, dias melhores virão.

Desesperar jamais...



Não é hora de entrar em pânico; o momento exige frieza e tranquilidade. O câmbio sem banda, livre e solto, parece desafiar a lógica. Quando tudo parecia estar claro para os futurologistas, que previam aumento das exportações e da inflação, percebemos rapidamente que a coisa não era bem assim. As importações diminuíram sensivelmente, as exportações não decolaram e a nossa conhecida inflação, prevista para 10, 15, 20, 30, 40% ao ano, parece que não terá vez, conforme assinalam os últimos índices apurados. As autoridades econômicas estão conseguindo essa façanha por intermédio do desaquecimento da economia, provavelmente por solicitação do FMI. Todos aqueles que pediam a liberação do câmbio, hoje parece não saberem se essa medida é ou não correta.

Diante desse quadro, ignoramos o que ocorrerá doravante. A incerteza é generalizada, ninguém sabe exatamente o que sucederá. Poderemos conviver por muito tempo com esse juro 'maluco'? E o desemprego, como fica? Até quando suportaremos a falta de capital externo? Perguntas fomentadoras de insegurança geral e de difícil resposta.

No setor de celulose e papel, as coisas parecem mais claras. Tradicional exportador, rapidamente o setor recuperará as perdas dos últimos anos, o que proporcionará o equilíbrio da oferta no mercado interno e criará muitos empregos.

No nosso Setor de Distribuição de Papel, a coisa é mais complicada. O papel aumentando de preço num mercado mais recessivo. Pode? Como bem disse o poeta: 'Desesperar jamais'; pés no chão, olho nas mudanças que estão ocorrendo velozmente, tomada rápida de decisões e muita confiança no poder de sobrevivência do ser humano.

Tudo isso, que está em curso e se desenvolvendo diante dos nossos olhos, ajuda no processo evolutivo do homem. As dificuldades favorecem o nosso crescimento e obrigam-nos a buscar novas técnicas e soluções inovadoras.

Vamos em frente: nada de 'entregar o jogo no primeiro tempo'. Caso contrário, 'morreremos na praia'.

Que Deus nos ajude!

IAS

NORMAS DE TRÂNSITO

H.N. Morrone
Advogado - OAB/SP 7019

LUZ DOS VEÍCULOS

Algumas regras a serem observadas no uso de luzes dos veículos:

- I. luz baixa durante a noite e, nos túneis, também durante o dia;
- II. luz alta, à noite, nas vias não iluminadas, exceto ao cruzar com outro veículo ou ao segui-lo;
- III. troca de luz baixa e alta, intermitentemente e por certo período de tempo, para advertir outro motorista: a) que está à sua frente, de que vai ultrapassá-lo; b) que circula em sentido contrário, de que há risco de segurança;
- IV. acesas pelo menos as luzes de posição do veículo sob chuva forte, neblina ou cerração;
- V. pisca alerta: a) em imobilizações ou situações de emergência; b) se a regulamentação da via determinar;
- VI. à noite, acesas as luzes de posição quando o veículo estiver parado para embarque e desembarque de passageiros, carga e descarga de mercadorias;
- VII. à noite e durante o dia, os veículos de transporte coletivo de passageiros e os ciclos motorizados manterão acesas as luzes baixas.

DEFINIÇÕES

LUZ ALTA – fecho de luz destinado a iluminar a via até uma grande distância do veículo.

LUZ BAIXA – fecho de luz destinado a iluminar a via, sem ocasionar ofuscamento ou incômodo injustificáveis aos que venham em sentido contrário.

LUZ DE FREIO – destinada a indicar, aos demais usuários atrás do veículo, que o condutor está aplicando o freio de serviço, isto é, o dispositivo que provoca a diminuição da marcha do veículo ou a parada.

LUZ DE MARCHA A RÉ – para iluminar atrás do veículo e advertir que se está efetuando, ou a ponto de se efetuar, manobra de marcha a ré.

LUZ DE NEBLINA – para aumentar a iluminação da via em caso de neblina, chuva forte ou nuvens de pó.

LUZ DE POSIÇÃO – para indicar a presença e a largura do veículo.

LUZ INDICADORA DE DIREÇÃO (pisca-pisca) – para indicar que o condutor tem o propósito de mudar de direção para a direita ou para a esquerda.

PISCA ALERTA – luz intermitente, utilizada em caráter de advertência, para indicar que o veículo está imobilizado ou em situação de emergência.

OBSERVAÇÃO:

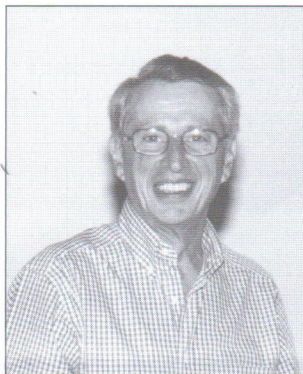
O Código de Trânsito Brasileiro emprega "à ré" em "marcha à ré". Os dicionários de Aulete, Melhoramentos e a Enciclopédia Larousse também ensinam: "à ré" (o "a" craseado). Entretanto, o dicionário Aurélio, na primeira e na segunda edições, registra: "marcha a ré" (o "a" sem crase), o que nos parece correto.

Hoje, a palavra "ré" é quase exclusivamente usada nas locuções adverbiais e prepositivas, como o fez a legislação de trânsito. Entretanto, contrariando texto do Código, parece que a melhor lição é o emprego sem crase "a ré" e não "à ré". Consequentemente: marcha a ré.

EXPEDIENTE

CANAL SINAPEL - Publicação mensal do Sindicato Nacional do Comércio Atacadista de Papel e Papelão - **Presidente:** Vicente Amato Sobrinho - **Jornalista Responsável:** Gracia Matin - Reg. Prof. 14.051 (Fone: 6421-8124) - **Fotos:** Nelson Brunel's - **Produção, Arte, Fotolito e Impressão:** De Sá Copiadora Ltda. (Fone: 232-1858) - **Redação:** Praça Silvio Romero, 132 - 7º andar - cj. 72 - Fones: 6941-7431 / 293-0922 - São Paulo - SP.

A Reforma Cambial e a Revitalização do Setor de Celulose e Papel no Brasil



*Por: Alberto Fabiano Pires,
Conselheiro Vitalício da
ANAVE – Associação
Nacional dos Profissionais
de Venda em Celulose,
Papel e Derivados*

A liberação do câmbio veio atender aos anseios de muitos setores industriais, entre eles o de celulose e papel. A brusca desvalorização do real trouxe, entretanto, desvantagens por muitos nem de longe imaginadas.

A ameaça do retorno da inflação tira o sono das autoridades governamentais e deixa atônitos os consumidores que restringiram suas compras, provocando sensível retração na atividade industrial.

É fora de dúvida que as empresas brasileiras exportadoras de celulose e papel terão um desafogo financeiro, iniciando um processo de recuperação das perdas havidas nos últimos anos. Resta saber se essa melhoria na capacidade de auto-financiamento será suficiente para impulsionar os investimentos necessários à retomada do crescimento do setor.

Pior a situação de algumas empresas não exportadoras e consumidoras de celulose e de produtos químicos importados, que terão extrema dificuldade em transferir para os preços de venda os aumentos ocorridos nos custos de produção.

Se o eventual período de recessão que se descortina poderá provocar uma redução no consumo de papel no Brasil, por outro lado a elevação da taxa do dólar praticamente eliminará a importação de inúmeros itens que há

algum tempo vinham afetando diversos nichos do setor de celulose e papel, tais como revistas impressas, cartuchos e caixas de cartão impressos, embalagens rígidas e de papelão ondulado e mesmo papéis e cartões "in natura".

A destacar a confiança agora demonstrada pelos investidores brasileiros na recuperação do setor de celulose e papel, refletida pela evolução da cotação das ações de suas cinco empresas de capital aberto de maior negociação na Bolsa de Valores de São Paulo (Aracruz, Klabin, Ripasa, Suzano e VCP), antes e após a desvalorização do real.

As cotações das ações dessas empresas apresentaram espetacular incremento nos últimos sessenta dias, expandindo entre 100 e 200%, níveis muito superiores à valorização do dólar no mesmo período.

Pelo que se vê, os investidores estão apostando na recuperação do setor de celulose e papel no Brasil. Nós também!

Deus permita que todos estejamos certos.

BOLSA DE EMPREGOS

MAIS UMA PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS DO SINAPEL

Para anunciar nesta seção, o Associado do SINAPEL não terá qualquer despesa; precisará apenas comunicar-se com a secretária do Sindicato.

SECRETÁRIA

Nível superior e experiência nas funções pertinentes ao cargo: recepção, controle de agenda, atendimento telefônico, controle de contas a pagar e a receber, arquivo etc. Noções de informática.

ÁREA ADMINISTRATIVA

Formação superior incompleta, inglês, espanhol e informática. Tendo exercido diversas funções na área administrativa, inclusive na modalidade "temporária", está em busca de recolocação no mercado de trabalho.

ÁREA COMERCIAL/

GERÊNCIA DE ATENDIMENTO

Profissional com nível superior (Psicologia); cursos complementares de técnica de vendas, contabilidade, estratégia de "marketing", "marketing" pessoal e domínio de informática. Com dez anos de vivência profissional, destacadamente em instituição financeira de grande porte e manifesta disposição para enfrentar novos desafios.

As empresas, interessadas em outros pormenores sobre o currículo dos profissionais apresentados nos classificados, devem entrar em contato c/Deise, na secretaria do SINAPEL.

VAPT-VUPT

PRÊMIO HOMENAGEM DO ANO - ANAVE

Na noite de 29 de abril, no Auditório Nobre da FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), será realizada a solenidade de entrega do Prêmio Homenagem do Ano - ANAVE.

O SINAPEL congratula-se com a Associação pela iniciativa de homenagear empresas e personalidade realmente merecedoras de tal distinção. Serão premiados:

- **HORÁCIO LAFER PIVA** - Presidente da FIESP: "Personalidade do Ano"
- **CHAMPION PAPEL E CELULOSE** - "Empresa do Ano"
- **REPRESENTAÇÕES SPERA** - "Anunciante do Ano"

A Diretoria do Sinapel parabeniza os homenageados.



GOTAS DE VERNÁCULO (III)

Aganemê

3.1. RECORDE

Outra imperdoável cincada distribuída a mancheias nos meios de comunicação a dano do vernáculo dos ouvintes, leitores e telespectadores. Pedantesamente, muitos insistem em RÉCORDE (sílabas tônicas: RÉ). O correto é RECORDE, pois a sílaba tônica é COR (sem acento) e assim a palavra está dicionarizada.

Com o andar do tempo, talvez prevaleta o erro e todos passem a dizer RÉCORDE, transformando a palavra paroxítona em proparoxítona. Exatamente o que tem ocorrido com outros vocábulos. Pior será se as duas passarem a conviver, sem inibições, repetindo o que se vem notando com CLEOPATRA: a maioria diz CLEÓPATRA (sílabas tônicas: ó) e uns poucos, CLEOPATRA (sílabas tônicas: pa).

Recentemente, no mesmo canal de televisão, com diferença de segundos, sucedendo-se na exibição de cenas internas e externas, uma das apresentadoras, numa sílabada disse RÉCORDE e a outra, corretamente, RECORDE.

Temos observado que, em reuniões e diálogos do dia-a-dia, quando falamos RECORDE, muitos nos fulminam com olhares meio gaiatos e meio zombeteiros. A despeito disso, continuaremos a escrever e a falar RECORDE (sílabas tônicas COR), fazendo tábua rasa das gaiatices, das zombarias e do poder de massificação.

Digamos todos: RECORDE!

3.2 OFSETE – OFSETISTA

Nas atividades papaleiras, muitos insistem no uso de "offset" (até "off-set" se tem visto por aí).

Sem dúvida, não devemos levar a extremos nossa anglofobia ou francofobia. As necessidades de comunicação obrigam, freqüentemente (sobretudo no chamado mundo globalizado), o emprego de palavras e expressões colhidas em outros idiomas e aconselham a pôr cobro a purismos exagerados. O que se nos impõe, quando indispensável o recurso a fontes alienígenas, é usar o vocábulo entre aspas.

Entretanto, temos a obrigação de dar curso a OFSETE porque, dessa forma, a palavra se aportuguesou e está dicionarizada (nunca "offset" ou "off-set").

Trocando em miúdos: se a palavra estrangeira é indispensável e a correspondente em português não consta dos léxicos, usemo-la entre aspas. Mas quando figura ela nos dicionários, aportuguesada, submetamo-nos à lição dos lexicógrafos. Se insistirmos no "offset" ou no "off-set", estaremos incidindo no que os gramáticos rotulam de peregrinismo, estrangeirismo ou barbarismo.

De se lembrar, também, que o impressor é o OFSETISTA.

Doravante, capitulemos, incondicionalmente, diante de OFSETE e mandemos para os quintos tanto "offset" quanto "off-set".

3.3. CUCHÊ

Palavra francesa, "couché" é moeda corrente no ramo papaleiro, da qual se usa e abusa sem razão plausível, pois já consagrada e dicionarizada, com vestes portuguesas, a sua substituta: CUCHÊ.

Assumamos posição corajosa e louvável na defesa do idioma: CUCHÊ e não "COUCHÊ". Se hoje optamos pelo francesismo, tal e qual, amanhã seremos seduzidos por outros estrangeirismos como "atelier", "ballet", "bidet", "bouquet", "guichet", "mayonnaise" e "placard", ao invés dos vocábulos já incorporados ao nosso linguajar: ateliê, balé, bidê, buquê, guichê, maionese e placar (a buquê e placar, preferimos ramalhete e marcador). Ou então, seremos tentados pelas palavras inglesas "football", "gillette", "roast beef", "poker" e "plug", quando sufragados estão: futebol, gilete, rosbife, pôquer e plugue. Se escrevo "couché", por que não "guichê", "maionnaise", "roast beef", "bouquet" etc? Parece-nos uma incoerência.

Colaboremos todos para que se expurguem do nosso linguajar diário os estrangeirismos prescindíveis, recordando sempre o magistério dos doutos: "A língua é a mais viva expressão da nacionalidade." E não esquecendo o que disseram dois reconhecidos expoentes, um na música e outro nas letras. Caetano Veloso: "A língua é minha pátria, e eu não tenho pátria, tenho matéria e quero fátia." Fernando Pessoa, poeta português: "Minha pátria é a língua portuguesa." (Os ditos de Veloso e Pessoa foram colhidos em artigo de Pasquale Cipro Neto).

NOTA: Por falta de espaço, "Nós Seremos Ouvido", prometido para esta edição, será publicado na próxima, junto com considerações sobre CLEÓPATRA, "One Time" e a ilustração que encima esta página.

CANAL SINAPEL

Praça Silvío Romero, 132 - 7º and. - cj. 72
CEP 03323-000 - São Paulo - SP.

IMPRESSO